

fortalecendo, a paranóia e o "sentimento de defesa" que leva incontáveis "pessoas de bem" a portar armas ou, no mínimo, guardá-las em casa.

De resto há no filme momentos muito interessantes, surpreendentes até. Por exemplo, quando Moore, acompanhado de dois sobreviventes do massacre de Columbine que ainda tinham balas alojadas no corpo, compradas numa rede famosa, a K-Mart, consegue comprometer essa empresa no sentido de abolir o comércio de munição em suas lojas. No final, o diretor visita a casa do ator e presidente da famigerada Associação Nacional do Rifle, Charlton Heston. Lá, na cova do leão, Moore coloca em xeque os valores e as razões que sustentam precariamente a cultura da arma nos Estados Unidos. Há muitos pontos de contato possíveis entre a realidade mostrada no filme e a nossa, aqui no Brasil. Vale conferir, mesmo que seja apenas para começar a refletir sobre o mundo em que vivemos, um mundo onde armas de fogo, às vezes de grosso calibre (em "Tiros em Columbine" aparece gente que mantém até rifles M-16 em casa), estão-se tornando tão banais quanto o efeito último que elas provocam.

■.....Écio Salles é Coordenador do Núcleo e Reflexão, Pesquisa e Produção de Conhecimento do Afro Reggae e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense-UFF.

VARELA, Francisco

Sobre a competência ética

Lisboa: Edições 70, 1992

Micromundos, fragmentação e virtualidade

Leonora Corsini

"Existe um *self*, um para-si, em toda parte em que há vida (e isto fica claro depois de Aristóteles, Kant, Hegel). Para-si: auto-finalidade relativa e mundo próprio - apresentação, representação e relacionamento de elementos formando um mundo em relação aos quais a unidade viva age, reage, tende para etc. Tudo o que se apresenta nesse mundo próprio recebe um signo de valor (positivo, negativo, nulo).

E o ser vivo sempre possui um comportamento - uma intenção que pode traduzir-se em ação."
Cornelius Castoriadis, *Para Si e Subjetividade*

"Pero la ética en el sentido en que podían entenderla los griegos, el ethos, era la manera de ser y de conducirse."
Michel Foucault, *Hermenéutica del sujeto*

Se podemos dizer que a subjetividade, enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais se apresenta como paradigma para a compreensão das ações e relações humanas (Guattari, 1998)¹, implicitamente estamos tratando da questão da ética. Agimos eticamente no exercício de nossas atividades profissionais, em nossos relacionamentos cotidianos, quando decidimos, por exemplo, dar ou não dinheiro para a criação do sinal. Maneira de ser ou de se conduzir, na visão de Foucault², muitas

¹ GUATTARI, Felix. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34. 2. edição, 1998.

² FOUCAULT, M. *Hermenéutica del sujeto*. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1994.

vezes confundida com código de conduta e com a moral, a ética, na distinção feita por Francisco Varela, aproxima-se mais da sabedoria do que da razão, está mais próxima da compreensão de que coisa deve ser o bem do que da formulação de princípios corretos.

Algumas das idéias propostas por Varela em *Sobre a Competência Ética* (1992) foram destacadas e usadas como fio condutor da presente leitura. A primeira delas, o corpo como *máquina ontológica* ou autopoietica - "máquina, por apontar para mecanismo e processo; ontológica, por assinalar uma dimensão metafísica e de constituição da realidade" (p. 8) - se entrelaça com o conceito de *enação*³, ou seja, a disposição para a ação que se materializa no plano biológico, que se corporifica através da história de *acoplamentos* da intenção, da vontade, com o aparato biológico dos seres vivos (ou do espírito com a matéria).

Essa corporificação da ação ética que está implicada na prontidão para agir em função do que é justo e virtuoso, pode ser relacionada ao processo do conhecimento. Mas um conhecimento que não é o simples reflexo da realidade externa, e sim "um processo de construção da realidade mediante

a realização de regularidades perceptivo-motoras, uma dinâmica na contínua gênese do significado" (p. 63-64).

Daí emerge a idéia de competência como "*know how*", saber-fazer. Varela pensa a ética como habilidade de responder imediatamente (*savoir-faire, know-how*), em contraste com *know-what*, conhecimento intencional que supõe um juízo racional. Ela adquire assim uma dimensão social, porque é uma ação que envolve uma escolha, uma eleição, de uma subjetividade em sua interação com o mundo, e também um estatuto de conhecimento.

Finalmente, a presteza para a ação, o saber-fazer a cada perturbação ou confronto com os acontecimentos do cotidiano, é denominada micro-identidade ou micromundo. A seqüência e o encadeamento de micromundos (que se encontram ao alcance da mão, sem que precisemos refletir sobre eles) vai-se sucedendo na ação social humana, e será corporificada, encarnada como competência ética. Um conhecimento se converte em saber-fazer (ou em micromundo) através da repetição e da proposição de novos problemas (e não na sua solução, como às vezes se supõe). Nosso repertório de micromundos é historicamente constituído, vai sendo construído no suceder dos acontecimentos, no nosso estar no mundo, ao mesmo tempo que estrutura nossas identidades (p. 20).

Sintetizando, existe uma diferença entre as ações verdadeiramente virtuosas daquelas que parecem virtuosas mas são precedidas de reflexão e análise. O filósofo Meng Tzu da tradição budista, de maneira análoga, distingue o homem de virtude do honesto homem da aldeia - aquele que aparenta virtude mas procura se comportar de modo a agradar aos outros, motivado pelo desejo de lucro, agindo por hábito, ou seguindo regras (regras que vêm do exterior).

³ Enação (*enaction*, em inglês) ou cognição enativa é um neologismo criado por Varela que designa, nos processos cognitivos, a permanente troca entre sistemas de informação já constituídos e um meio ainda não estruturado, cuja principal propriedade é trazer à superfície, fazer emergir o novo. (cf. Maturana; Varela. *De Máquinas e Seres Vivos* e Varela, F. *L'inscription corporelle de l'esprit*).

A escolha de ações apropriadas e o conhecimento

A ação ética recebe um tratamento de conhecimento corporificado, vivido, contextualizado, uma visão do conhecimento que se alinha com a concepção piagetiana de cognição, fundada na atividade concreta de todo o organismo, isto é, na conexão sensório-motora (p. 18). Existe, portanto, uma base biológica na compreensão do ato cognitivo, que se confunde, na visão de Varela, com o próprio ato de existir. Conhecer para Varela é existir; cada ato ou experiência cognitiva consistindo num processo de múltiplas e concomitantes conexões neuronais disparadas a partir das interações do organismo com seu ambiente. Essas múltiplas conexões ou paralelismo neuronal são como fragmentos que carregam em si possibilidades, que podem ou não ser efetivadas, a cada experiência. Por isso Varela diz que saber de si implica necessariamente saber desta condição de fragmentação e virtualidade.

Voltemos à questão da escolha, da seleção das ações apropriadas a cada situação de perturbação. Esta escolha é feita sem obedecer à deliberação prévia, a uma reflexão feita de antemão, mas é parcialmente aleatória, uma vez que a perturbação do ambiente não determina o que acontecerá ao ser vivo; é a sua estrutura que determinará o repertório de mudanças que poderão ocorrer como resposta, e também implica necessariamente uma responsabilidade. É nesse sentido que Maturana e Varela⁴ afirmam não existir possibilidade de interação instrutiva entre os seres vivos, o que coincide com o pensamento de Aristóteles quanto às regras de conduta e

moral: elas funcionam como mera orientação - o que torna as pessoas genuinamente éticas e virtuosas é o exercício da virtude.

E aqui se apresentam algumas questões: o que faz com que decidamos seguir uma determinada conduta e não outra? Em nossa prontidão para a ação, o que encaminha a ação ética? O que faz emergir, da "miríade de subprocessos concorrentes que nos sobrevêm", no momento em que se dá, concomitantemente, sua negociação e implementação, a ação ética? Utilizando a interessante metáfora da improvisação do *jazz*, Varela propõe que o ambiente, impregnado de um excesso de signifi-cação, fornece o pretexto, o mote, para a improvisação neuronal, improvisação feita com base nos constantes acoplamentos e regularidades que dele emergem. Depois que um determinado modo de acoplamento se torna regular e repetitivo, o incorporamos como um saber-fazer imediato, que se torna transparente em nossas ações no cotidiano.

O mundo que conhecemos não é pré-definido, mas sim efetivado (*enacted*) mediante a nossa história de acoplamentos estruturais (p. 28). Podemos concluir que, nos momentos em que não somos capazes de responder "enativamente", em que somos levados a refletir e analisar a situação, não estamos sendo competentes, não agimos como especialistas. "A esta luz, então, um especialista ético é apenas, sem tirar nem pôr, um participante a título inteiro numa comunidade: todos somos peritos enquanto pertencemos a uma tradição amplamente articulada, na qual nos movemos com comodidade" (p. 32).

A virtualidade de Si mesmo

A subjetividade do Si mesmo para Varela adquire a dimensão de um conhecimento progressivo da própria condição de fragmen-

⁴ MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Editorial Psy, 1995.

tação do sujeito diante de um mundo impregnado de significados. A cada ação, as conexões neuronais lançam os fragmentos de um Si ainda em estado virtual em um turbilhão, um redemoinho, que promove um novo arranjo, uma unificação daquilo que se encontrava fragmentado. O vácuo deste turbilhão (o olho do furacão) representa a consciência de Si.

Essa condição de fragmentação é relativa ao estar-no-mundo, na medida da interação do ser humano com seu ambiente. Então, adquirimos a capacidade de agir eticamente da mesma maneira que adquirimos todos os outros conhecimentos, num processo de aprendizagem circular: "aprendemos, através da imitação social o que supostamente nós somos para nos aceitarem" (idem, p. 32). Se dependemos desta troca com o meio, vamos progredir em nossa capacidade de agir eticamente a partir de disposições naturais e de condições favoráveis de desenvolvimento, o que coincide com a visão do filósofo Meng Tzu. "Existem capacidades de base que, educadas de modo a não impedir o seu desenvolvimento, geram as qualidades que alguém procura" (p. 34). Citando o exemplo do homem da aldeia que vê uma criança prestes a cair no poço e corre em seu auxílio para evitar que algum mal lhe aconteça, não porque queira auferir vantagens para si, ou por não desejar ser importunado pelo choro da criança, mas por agir eticamente, Meng Tzu afirma que as situações simples das quais todos sabemos nos desvencilhar vão se expandindo, se ampliando, através da aprendizagem, da experiência, a um raio de ação mais amplo (p. 34). "Alargar os sentimentos é ver que uma situação se assemelha a outra, é fazê-los irromper numa nova situação" (p. 36). Podemos concluir que a aquisição da competência para a ação ética depende de um "treino", de um desenvolvimento de nossas

disposições naturais através das ações e interações com o meio, ou, em outras palavras, um caminho pragmático para a competência ética (p. 39).

Para Varela, nenhum princípio moral é em si mesmo realizável - somos condenados a nunca nos satisfazermos com esperanças e expectativas, por mais racionais que possam nos parecer. E conclui que a competência ética se dá à medida que o sujeito, o Si, se dá conta (em primeira mão, sem ter que lançar mão da reflexão) de sua própria condição de virtualidade, de possibilidade.

* * *

Estamos habituados a pensar na ação ética de uma maneira linear, do tipo causa e efeito, *input - output*. Nossa percepção do que seja a ética está ancorada neste tipo de causalidade, fazendo com que ética e moral muitas vezes se confundam. No texto de Varela, a ética não é o simples reflexo de regras para uma conduta desejável que já se encontram prontas no meio social e que serão internalizadas a partir das relações e interações entre pessoas, e sim um exercitar de condutas virtuosas, uma prontidão para fazer o que é justo e apropriado a cada situação que se nos apresenta, no encadeamento de micromundos que fazem parte do nosso viver cotidiano. A prontidão para fazer o que é justo se constitui a partir de disposições naturais e individuais e toda uma história de acoplamentos que vão se sucedendo com regularidade e se materializando, corporificando na conduta ética. A história de acoplamentos dá conta do paradoxo de sermos sistemas ao mesmo tempo fechados em nós mesmos e abertos para o mundo. De igual modo, a ética vai sendo estruturada pela ação, pelo estar-aí para os acontecimentos, ao mesmo tempo que é

estruturante de nossa percepção de nós mesmos e dos outros em nossa condição de fragmentação e virtualidade.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter
(coord.)

Coleção de Filosofia da Educação
Série Educação, Experiência
e Sentido

Belo Horizonte: Autêntica, 2002-2003

Graciela Hopstein e Walter Kohan

Como ela mesma se apresenta, a série *Educação: Experiência e Sentido* propõe-se a testemunhar experiências de escrever a educação, de educar na escritura. Essa coleção não é animada por qualquer propósito revelador, convertedor ou doutrinário. Nada a revelar, ninguém a converter, nenhuma doutrina a transmitir. Trata-se de apresentar uma escritura que nos permita liberar-nos de certa verdade na qual educamos. Talvez possamos assim ampliar nossa liberdade de pensar a educação. Algum leitor poderá estar pensando que se a filosofia é um gesto que afirma sem concessões a liberdade do pensar, então esta é uma coleção de filosofia da educação. Quem sabe os sentidos que povoam a leitura dos livros que compõem *Educação: Experiência e Sentido* poderão testemunhá-lo".

O início da série parece confirmar esta presunção. Em 2002 foram lançados os dois primeiros volumes, *O Mestre Ignorante* de Jacques Rancière e *Os enigmas da educação* de Lílian do Valle. Em março de 2003 será lançado um terceiro volume, *A infância entre a educação e a filosofia* (Walter Kohan) e, logo depois, o volume 4 de *Pedagogia Profana II* (Jorge Larrosa).

O Mestre Ignorante, publicado originalmente por Jacques Rancière em 1987 - única obra do autor sobre educação - conta a história de um professor emancipador, Joseph Jacotot, que, em 1818, enfrenta uma situação

■ Leonora Corsini é psicóloga e doutoranda da Escola de Serviço Social da UFRJ. Pesquisadora do LABTeC UFRJ, é membro da Rede Universidade Nômade.